

DAS
MANIFESTAÇÕES
ARTÍSTICAS À
PROBLEMÁTICA
SOCIAL: A
CULTURA
NO DISCURSO
JORNALÍSTICO
DE PROSA

[ARTIGO]

Débora Lapa Gadret
Gisele Dotto Reginato

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo debate o conceito de cultura no discurso jornalístico de Prosa, suplemento cultural semanal do jornal O Globo. Realizamos uma análise de subgêneros, autores e temas veiculados pelo caderno em um corpus composto por 100 textos de cinco edições de 2012 e analisamos o enquadramento nas reportagens de capa. Concluimos que, apesar de Prosa apresentar a noção de cultura atrelada a manifestações artísticas, também amplia o conceito ao trazer reportagens e artigos com problemáticas que a ultrapassam e entende que cultura é aquilo que permeia a vida social.

Palavras-chaves: Jornalismo. Cultura. Discurso. Enquadramento. Prosa.

This paper discusses the concept of culture at Prosa, a weekly cultural supplement of the newspaper O Globo. We analyse subgenres, authors and themes introduced by Prosa on a corpus consisting of 100 texts from five editions of 2012 and we analysed the framing of the cover report. We conclude that, although Prosa introduces the notion of culture linked to artistic manifestations, it also enlarges the concept when brings reports and articles on issues that go beyond this interpretation and understand that culture is what permeates social life.

Keywords: Journalism. Culture. Discourse. Framing. Prosa.

Este artículo discute el concepto de cultura en el discurso periodístico de Prosa, suplemento cultural semanal del diario O Globo. Se ha realizado un análisis de subgéneros, autores y temas transmitidos por el cuaderno en el corpus formado por 100 textos de cinco ediciones de 2012 y se ha dirigido un análisis de encuadre en reportajes de portada. La conclusión es de que a pesar de Prosa presentar la noción de cultura vinculada a las manifestaciones artísticas, también se extiende su concepto por traer informes y artículos con temas que van más allá y entiende que la cultura es lo que impregna la vida social.

Palabras clave: Periodismo. Cultura. Discurso. Encuadre. Prosa.

INTRODUÇÃO

O suplemento **Prosa&Verso** foi criado em 1995 no jornal **O Globo**, do Rio de Janeiro, com o objetivo de noticiar os principais lançamentos do mercado editorial brasileiro. Em julho de 2012, o caderno foi redesenhado, para que se firmasse como um espaço de reflexão dentro do jornal. Além das transformações visuais, os artigos e as reportagens passaram a abordar temas considerados pertinentes para a sociedade (**O GLOBO**, *online*). Segundo a editora do caderno, a jornalista Mânia Millen, nessa reforma gráfica também foi alterado o nome do suplemento literário para **Prosa**, “já que o caderno não fala apenas sobre literatura. O nome **Prosa&Verso** dava uma reduzida nesse escopo”.¹ A palavra **Verso** foi mantida na contracapa, como uma seção na qual são apresentados artigos e reportagens contando “um outro lado, menos conhecido, de alguma coisa. Seja um autor, um livro, um evento, uma fotografia, um filme, um diretor de cinema”.

Prosa circula aos sábados e traz “tudo sobre livros: resenhas, ensaios, perfil dos escritores, reportagens sobre o mercado editorial e uma lista dos livros mais vendidos do país” (**INFOGLOBO**, *online*). Distribui cerca de 280 mil exemplares e possui a média de 407 mil leitores. Dados disponibilizados aos anunciantes auxiliam a conformar em parte o perfil do leitor do suplemento como adultos de classes média e alta, instruídos e que têm o hábito da

leitura.²

Partindo dessas informações, o objetivo deste artigo é refletir sobre o conceito de cultura apresentado em **Prosa**. Para tanto, realizamos uma análise em duas etapas. A primeira identifica os subgêneros, autores e temas apresentados pelo caderno em um corpus composto por 100 textos de cinco edições de 2012. Na segunda, conduzimos uma análise de enquadramento (**ENTMAN**, 1993) nas reportagens de capa para dar a dimensão daquilo que é destacado pelo suplemento cultural e de que maneira esses temas são abordados.

Esta reflexão é motivada pelo entendimento de que **Prosa** apresenta um alargamento do conceito de cultura quando comparado a outros suplementos culturais, notado inicialmente pela amplitude dos temas abordados, que fogem dos textos sobre as artes para debruçar-se sobre a sociedade.³ ■

[1] Entrevista concedida por e-mail às autoras do artigo.

[2] De acordo com dados de **Infoglobo**, 74% dos leitores têm interesse em assuntos sobre arte/cultura artística, 62% costumam ler livros para fins de lazer e 37% costumam ler livros para fins profissionais. Do total de leitores, 62% são mulheres e 38% são homens; 65% pertencem à classe B, 22% integram a classe A e 13% são da classe C. Em relação à faixa etária, a maior parte dos leitores (31%) possui 60 anos ou mais, e equiparam-se os números de leitores de idade entre 20 a 29 anos (16%), 30 a 39 (18%), 40 a 49 (16%), 50 a 59 (16%). A respeito da escolaridade, é interessante destacar que 72% dos leitores possuem Ensino Superior, 21% têm Ensino Médio e apenas 7% possui até o Ensino Fundamental.

[3] Essa compreensão é resultado de um mapeamento, coordenado pela professora Dra. Cida Golin, na disciplina **Jornalismo, Cultura e Arte** do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, no segundo semestre de 2012. Foi realizada uma análise de conteúdo nos suplementos culturais **Ilustríssima** (Folha de S. Paulo), **Sabático** (Estadão), **Cultura** (Zero Hora) e **Prosa** (O Globo).

2. JORNALISMO CULTURAL

O discurso jornalístico tem como marca fornecer o mapa da cultura e do pensamento de seu tempo, construindo sentidos sobre o que é contemporâneo.

Esse ideal iluminista de apresentar o saber de uma época marca a imprensa desde seus primórdios e o jornalismo cultural carrega com grande intensidade a função de formar e esclarecer os leitores. Assim, o jornalismo, e o jornalismo cultural e especial, “exercem uma importante mediação entre o fato cultural e a sociedade, produzindo um conhecimento particular sobre os fatos do mundo e também reproduzindo conhecimentos oriundos de outras instituições da sociedade” (ALFONSO, 2010, p. 77).

Para que compreendamos o entendimento de jornalismo cultural, é fundamental conceituarmos cultura, a qual “é um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio” (HALL, 2001, p. 20). Segundo Eagleton (2005), é difícil precisar o significado dessa noção, porque o conceito se torna restrito e nebuloso se for tomado a partir da estética, ao mesmo tempo em que fica amplo e limitado se a cultura for tomada a partir da antropologia. Problematizando tal jogo de definições, Eagleton chega ao entendimento de que “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (2005, p. 54).

Nesse sentido, podemos pensar na relação entre cultura e a regulação discursiva de que fala Foucault (2009, p.

35), já que existem aspectos socioculturais que constituem e atravessam todo discurso. Sendo assim, a noção de cultura é relevante neste artigo não só por estarmos trabalhando com as peculiaridades do jornalismo cultural, mas também por nos referirmos às especificidades do discurso jornalístico, em que a escolha do que é noticiado deriva de códigos culturais aceitos e compartilhados pelos jornalistas e pela sociedade.

O suplemento cultural vem sendo historicamente construído como um espaço diferenciado no jornal. Ele tem uma marca de temporalidade específica, pois está inserido na lógica do jornal diário, mas tem a semana como periodicidade. A definição de “suplemento” nos traz um aspecto interessante para compreender o espaço que ele ocupa no jornal impresso:

Complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo a mais. A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser algo a mais que fortalece semanalmente os jornais [...] (SANTIAGO apud ABREU, 1996, p. 21). ■

3. A CULTURA EM PROSA

A análise foi realizada em duas etapas a fim de refletir sobre o conceito de cultura apresentado em Prosa. Primeiramente identificamos os subgêneros, autores e temas apresentados pelo caderno em um corpus composto por 100 textos de cinco edições de 2012 (1º de setembro, 8 de setembro, 15 de setembro, 22 de setembro e 29 de setembro). Na segunda etapa, conduzimos uma análise de enquadramento nas reportagens de capa para dar a dimensão daquilo que é destacado pelo suplemento cultural e de que maneira esses temas são abordados.

Iniciamos com a análise dos subgêneros no caderno Prosa, entendendo os subgêneros como modalidades inseridas no jornalismo, o qual é tomado como gênero discursivo (BENETTI, 2008, p. 13). Adotar essa perspectiva nos situa na compreensão de que o jornalismo é uma prática discursiva que ocorre na moldura de certas regularidades e que a interpretação de seus significados depende de um jogo de relações que diz que “isto é jornalismo” (BENETTI; STORCH; FINATTO, 2001, p. 58). Para os pesquisadores, esse seria um primeiro movimento de reconhecimento, que exige que os sujeitos ocupem determinados lugares de fala e de interpretação, sem o qual o discurso não consegue instaurar um mínimo de legibilidade e eficácia.

Assim, em relação à totalidade do caderno, percebemos nos subgêneros uma predominância quantitativa dos informes (notas e pequenas matérias), que aparecem em 51% das matérias (Figura 01). No entanto, qualitativamente, identificamos que são os subgêneros reportagem e críticas/resenhas que se sobrepõem em relação ao

restante dos conteúdos, visto que ocupam mais espaço e que o informe predomina porque a seção Prelo apresenta em média oito notas por edição. Isso nos indica que os textos produzidos por jornalistas são tão importantes quanto os trazidos pelos intelectuais nessas críticas/resenhas, o que nos leva a crer que a cultura em Prosa não trata somente daquilo que é apreciado e canonizado pelos intelectuais. Isso não é suficiente para afirmar que Prosa entende a cultura de forma mais ampla, mas é um primeiro indicativo.

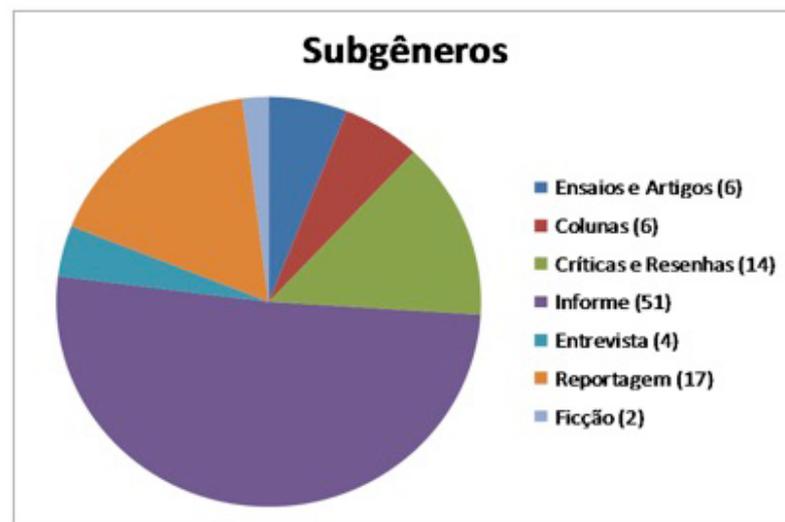


Figura 1: Subgêneros do jornalismo em Prosa
Fonte: autoria própria

O segundo indicativo são os autores, que são aqueles que escrevem os textos no suplemento Prosa. No período analisado, havia 51 textos assinados e 49 textos não-assinados (Figura 02). Apesar da quase equivalência, é maior a importância dos textos assinados - tanto por jornalistas quanto por intelectuais - já que os não-assinados correspondem a notas e notícias mais curtas do caderno.

199 Das manifestações artísticas à problemática social [EXTRAPRENSA]

Sendo assim, consideramos que repórteres de O Globo e intelectuais dividem o protagonismo do suplemento, indicando que em Prosa o espaço do jornalismo é tão importante quanto o espaço dos agentes especializados⁴ (BOURDIEU, 2009, p. 62). Os repórteres são os jornalistas que fazem parte do expediente do jornal e são identificados pelo nome e pelo seu e-mail da redação, em textos com forte presença autoral, opinativa e analítica, que para Faro (2006, p. 5) são marcas do segmento do jornalismo cultural. Já os intelectuais aparecem distintos no jornal porque, além do nome, é informada também a sua função social (Professores e Pós-Graduandos, Críticos, Escritores, Editores, Tradutores e Poetas, Jornalistas-intelectuais), o que significa que eles ocupam o lugar de quem está autorizado a dar a sua opinião, resenhar e criticar os produtos culturais. A presença dos atores sociais no suplemento traz um duplo sentido: eles estão falando nesse lugar porque têm valor e têm valor porque estão falando neste lugar.

Outro elemento analisado são os temas, considerados os assuntos aos quais a reportagem se refere. Quantitativamente percebemos uma predominância de textos sobre mercado editorial e literatura, em função de a maioria dos ganchos das matérias ser o lançamento de alguma obra, especialmente literária (Figura 03).

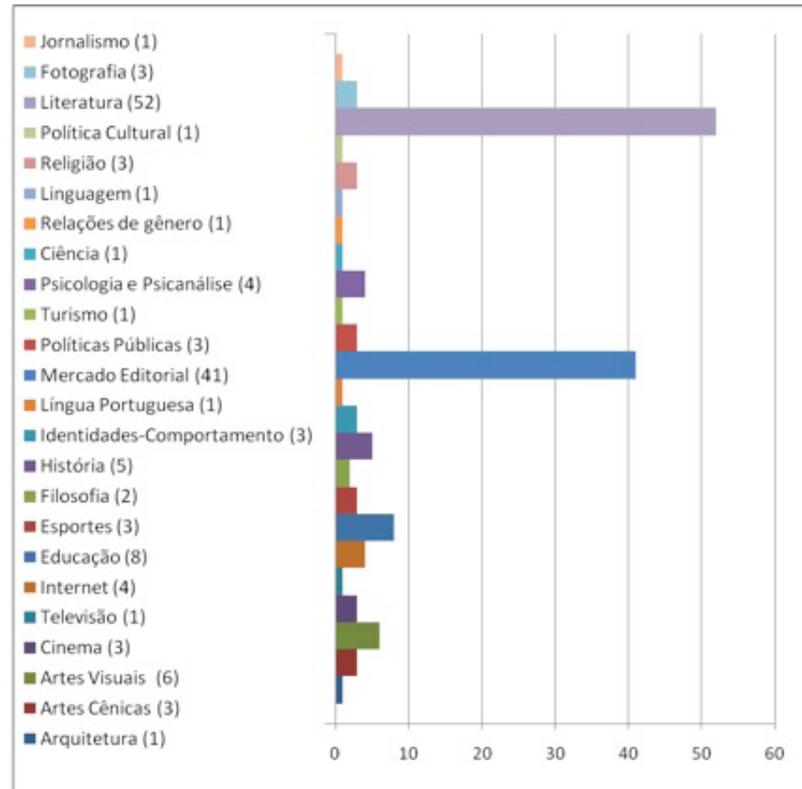


Figura 3: Temas abordados em Prosa
Fonte: autoria própria

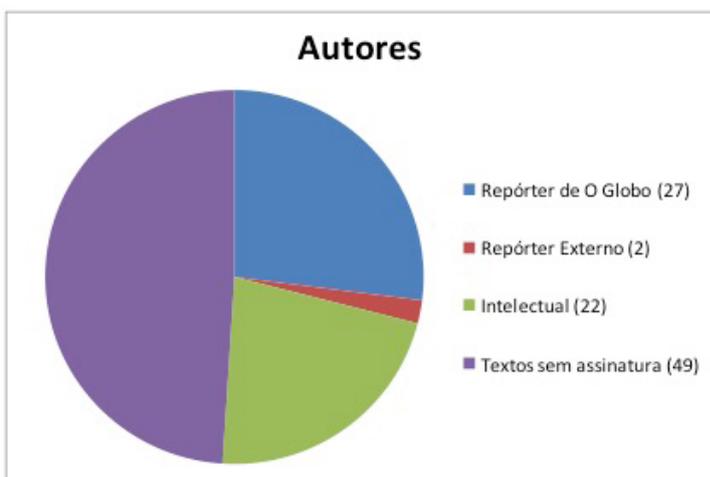


Figura 2: Autores dos textos de Prosa
Fonte: autoria própria

No entanto, observamos que há forte presença de temas relacionados a problemáticas sociais, principalmente na seção Ponto de Vista, no Verso e nas reportagens de capa. Na seção Ponto de Vista, a edição do dia 29 de setembro traz a matéria “Os 100 ‘olhos’ da Rocinha”,

[4] Entendem-se os agentes especializados como aqueles que, no campo cultural, são autorizados por imposição simbólica – devido à força do coletivo, do consenso e do senso comum – a exercer o monopólio da nomeação legítima.

que aborda a instalação de câmeras de vigilância na favela carioca após a inauguração de uma Unidade de Polícia Pacificadora, debatendo os limites da privacidade e a eficiência do sistema. Em 22 de setembro, a reportagem “Do STF para a cela comum” trata dos instrumentos jurídicos que os advogados dos envolvidos com o esquema do mensalão acionam para diminuir as penas dos seus clientes. Na seção Verso do mesmo dia, a reportagem “Uma cultura milenar sob ataque” aborda críticas que as tradicionais disciplina e obediência japonesas têm recebido dentro do próprio país. Já no dia 15 de setembro, o Verso discute na reportagem “No Egito, o véu entre o direito e a imposição” o uso do *hijab* na TV pública do país, o que preocupa feministas laicas.

Entre as capas das cinco edições analisadas, duas são mais representativas do alargamento do conceito de cultura que encontramos em Prosa. No dia 8 de setembro, a reportagem “O lugar do torcedor” fala sobre as mudanças das torcidas organizadas em função da modernização dos estádios para a Copa do Mundo de 2014. Na capa de 29 de setembro, a matéria “Dilemas da universidade” trata dos problemas das instituições federais no século XXI devido ao crescimento sem estrutura. As outras três capas, apesar de estarem tematicamente mais próximas ao que é recorrente nos suplementos culturais, trazem enquadramentos diferenciados que fortalecem nossa hipótese de que Prosa entende a cultura como algo para além das manifestações artísticas tradicionais.

Na segunda etapa da análise, observamos os enquadramentos das reportagens de capa entendendo que os *frames* são a definição de uma situação a partir de princípios que governam eventos e nosso envolvimento

subjetivo nela (GOFFMAN, 1986, p. 10-11). Compreendemos o enquadramento jornalístico como uma construção discursiva realizada por uma comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000, p. 36), que percebe e narra eventos de acordo com princípios compartilhados.

Enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover determinada definição de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1993, p. 52, tradução nossa).

A partir desta definição, elencamos cinco categorias para realizar a análise: definição da situação, interpretação causal, avaliação moral, recomendação e fontes⁵. A inclusão das fontes na análise, não mencionada por Entman em sua definição, é uma necessidade para entender as controvérsias ou os conflitos construídos por meio do discurso jornalístico. As fontes são as personagens, as testemunhas e as instituições envolvidas nos fatos (LAGE, 2002, p. 49) e que são consultadas para construir os textos.

[5] A definição da situação é o estabelecimento discursivo das circunstâncias de um acontecimento em um dado momento. A interpretação causal é definição das ações que deram origem à situação reportada. A avaliação moral é composta por apreciações ou conjecturas explícitas no texto sobre a situação e/ou seus atores baseadas em valores e princípios supostamente aceitos por uma sociedade. E a recomendação de tratamento são os conselhos e prescrições sobre como resolver os conflitos, eliminar as tensões ou abordar a situação apresentada.

201 Das manifestações artísticas à problemática social [EXTRAPRENSA]

Na primeira matéria do corpus deste artigo, “Arte sem fronteiras” (01/set), define-se como situação a inserção do trabalho do louco na história da arte, a partir do reconhecimento de que nos trabalhos de Bispo do Rosário, Raphael e Emygdio há um valor artístico (interpretação causal). A avaliação moral presente na matéria é de que o estigma que exclui o louco e a mitificação do “artista louco” devem ser questionados. Assim, recomenda-se a necessidade de, entre os dois extremos, reconhecer que há sujeitos que conseguem se inserir no mundo e, eventualmente, produzir aquilo que é considerado arte. Em relação às fontes, destacamos que o discurso constrói um conflito ao incluir a recusa de determinados intelectuais em comentar a “loucura” dos artistas. Um exemplo é o excerto abaixo:

Já na Bienal de SP, há uma intenção declarada de não tratar da condição mental de Bispo do Rosário, cujas obras formarão o núcleo da maior mostra de arte contemporânea do país, que terá outros 110 artistas. O sinal mais evidente dessa posição é o silêncio do curador da Bienal, Luis Pérez-Oramas, que não quis falar com O GLOBO sobre o tema.

Em “O lugar do torcedor” (08/set), abordam-se as mudanças nas condições daqueles que torcem pelo futebol no Brasil (definição da situação), a partir da modernização dos estádios e a ofensiva do poder público contra a violência das torcidas organizadas (interpretação causal). A avaliação moral é de que há um risco de elitização do futebol, colocando em xeque a mistura de públicos que ajudou a formar a identidade das torcidas brasileiras. Na matéria, consultam-se fontes

predominantemente do campo cultural, relacionadas ao mercado editorial, autores de livros sobre o tema em questão, mas não se restringe a elas. Traz, por exemplo, informações do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (Gepe), o que reitera uma abordagem singular do Prosa em relação a outros cadernos de cultura.

A matéria “Freud e Proust” (15/set) apresenta como situação a aproximação entre o pensamento de Freud e Proust realizado por Jean-Yves Tadié em seu último ensaio, determinando como interpretação causal a convergência de interesses entre o psicanalista e o escritor. A avaliação moral determina que a identificação entre o psicanalista e o escritor está no limite das ideias e não pode ser extrapolada para a vida dos dois autores. A única fonte é o próprio autor do ensaio, que concede entrevista ao suplemento. Não há nenhuma fonte auxiliar que possa corroborar ou refutar a conexão realizada pelo ensaísta francês. Percebemos que nesta reportagem o enquadramento apresenta uma noção de cultura ligada à produção de um campo intelectual, no qual há um retorno ao cânone por meio de uma conexão realizada por um agente especializado que não é em momento algum questionado.

Em “Na companhia de Barthes” (22/set), a situação definida é o diálogo estabelecido entre o pensador francês e Leyla Perrone-Moisés, tradutora dos livros de Roland Barthes no Brasil. A interpretação causal dessa relação recai na proximidade construída durante o doutoramento da crítica na França e que mantiveram por anos, por meio de cartas e textos agora lançados em livro. Sobre a avaliação moral construída na reportagem, Barthes, apesar de amado pelos “leitores da boa literatura”, é apresentado como inconstante e seguidor da moda, devido ao constante questionamento do pensamento

de outros teóricos. Mais uma vez, há uma única fonte, Leyla Perrone-Moisés, não apresentando de forma evidente no texto outras perspectivas sobre Barthes. Constrói-se, aí, a canonização da própria professora de literatura francesa – única agente autorizada a falar a respeito do pensador e apresentada na matéria.

Por último, na reportagem “Dilemas da Universidade” a situação é definida a partir das contradições no modelo de universidade pública brasileira, tendo como interpretação causal um modelo de universidade ultrapassado, a falta de estrutura e os problemas na tentativa de expansão do ensino superior. A avaliação moral é de que a universidade pública é para poucos, e essa forma operadores e não intelectuais. A recomendação proposta é instauração da Nova Universidade, com bacharelados interdisciplinares. Todas as fontes são professores de instituições federais e nenhuma controvérsia é estabelecida entre elas. ■

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise de subgêneros, autores e temas apresentados, além da análise de enquadramento nas reportagens de capa, acreditamos que Prosa apresenta um conceito de cultura amplo. Essa consideração não surge em relação às pautas em si, que poderiam estar em qualquer suplemento cultural, mas principalmente devido à forma como os assuntos são enquadrados, levando a uma aproximação com o que propõe Eagleton (2005): “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (p. 54).

Pereira (2011, p. 160) entende que é corrente a constatação de que os cadernos e as editoriais dedicados à cobertura de cultura deixaram de ser um “espaço de discussão e crítica intelectual para tratar apenas da divulgação de produtos da indústria cultural”. De acordo com a análise, observamos que Prosa não se circunscreve ao entendimento de cultura apenas como manifestação artística. O suplemento traz reportagens e artigos que abordam problemáticas com tensionamentos e entende que cultura é aquilo que permeia a vida social, mesmo que as fontes sejam agentes especializados no campo cultural.

Essas problematizações nos levaram a corroborar com a afirmação de Hall (2001, p. 6) de que a cultura não é uma opção soft, não pode ser estudada como uma variável sem importância, mas sim deve ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter desse movimento, bem como a sua vida interior. Além disso, destacamos com a análise que, apesar de Prosa não apresentar uma cobertura positiva e romântica da vida social como se vê em outros suplementos culturais, ele não abre mão de consagrar, de apresentar o notável, de delimitar quem (não) pode falar sobre determinado assunto e o que (não) deve ser dito a respeito daquilo, demarcando como os leitores devem compreender a cultura deste tempo em que vivemos. ■

[DÉBORA LAPA GADRET]

Doutoranda em Comunicação e Informação pela UFRGS. Professora de Jornalismo da Unisinos.

[GISELE DOTTO REGINATO]

Doutoranda em Comunicação e Informação pela UFRGS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____ et al. (Org.) A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50. RJ: Ed. FGV, 1996.

ALFONSO, Luciano. Personalização como estratégia discursiva do jornalismo: o caso da Fundação Iberê Camargo. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. Revista Galáxia. V. 15. São Paulo: PUC-SP, 2008.

BENETTI, Marcia; STORCH, Laura; FINATTO, Paulo. Jornalismo de revista, meta-acontecimento e dispositivo de autoridade. In: LEAL, Elton; VAZ, Paulo (org.). Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos. Florianópolis: Insular, 2011.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

ENTMAN, Robert M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. Journal of Communication, 1993.

FARO, José. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Porto Alegre: SBPJor, 2006.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GOFFMAN, Erving. Frame analysis: an essay on the organization of experience. Northeastern University Press, 1986.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 22, n. 2, julho 2001.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PEREIRA, Fábio. Jornalistas-intelectuais no Brasil. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo 2000. n° 27, fev. 2000.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

INFOGLOBO. O Globo – Caderno Prosa e Verso. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=63>>. Acesso em: 22/12/2013.

O GLOBO. Entre as novidades, suplemento O GLOBO Amanhã. Disponível em: <<<http://oglobo.globo.com/rio/entre-as-novidades-suplemento-globo-amanha-5549437>>>. Acesso em: 12/12/2012.